

## Crise socioambiental e dimensão ecológica da tradição judaico-cristã

Socioenvironmental Crisis and Judeo-Christian Tradition's Ecological Dimension

Bruno Pinto de Albuquerque<sup>1</sup>

### Resumo

Destacamos elementos da Carta Encíclica *Laudato si'* que respondem às críticas do historiador Lynn White Jr., para quem o cristianismo estaria na origem da mentalidade de dominação e exploração da natureza e, conseqüentemente, seria responsável pela atual crise socioambiental. Propomos mostrar, ao contrário deste autor, que a dimensão ecológica ocupa um lugar fundamental na tradição judaico-cristã.

Palavras-chave: Teologia; Ecologia; Relação homem/natureza; História ambiental; Tradição judaico-cristã.

### Abstract

We highlight elements of the Encyclical Letter *Laudato si'* which respond to the criticism of the historian Lynn White Jr., for whom Christianity would be at the origin of the mentality of domination and exploitation of nature and, consequently, would be responsible for the current socio-environmental crisis. We propose to show, on the contrary, that the ecological dimension occupies a fundamental place in the Judeo-Christian tradition.

Keywords: Theology; Ecology; Relation man/nature; Environmental history; Judeo-Christian Tradition.

### Introdução

Toda a história humana se encontra de alguma forma relacionada aos diferentes modos através dos quais os seres humanos mantêm uma relação entre si e com a natureza. Desde a chamada pré-história, anterior à escrita, com a aquisição do controle do fogo, o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, a capacidade humana de transformar e agir na natureza vem crescendo. Entretanto, a partir da Revolução Industrial, esta relação se

---

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/9066685571649651>

torna cada vez mais insustentável, na medida em que a ação humana não respeita o tempo de resiliência próprio aos ciclos naturais.

Diante de tais mudanças drásticas, o historiador Lynn White Jr. apresentou sua hipótese de que as origens dos problemas ambientais do século XX remontariam à atitude do cristianismo diante da natureza desde o período medieval. O argumento do autor é que o cristianismo ocidental, ao substituir as crenças de sociedades anteriores, cuja relação com a natureza era marcada por uma atmosfera de reverência e sacralidade, teria oferecido um suporte para uma postura de superioridade e exploração do homem frente à natureza.

No presente artigo propomos sustentar outro ponto de vista, segundo o qual a dimensão ecológica ocupa um lugar fundamental na tradição judaico-cristã, recorrendo à Carta Encíclica do Papa Francisco que se intitula *Laudato si'*: *sobre o cuidado da casa comum*, na qual trata da grande relevância para a vida cristã da busca de modos sustentáveis de relacionamento com a natureza.

#### As relações entre o homem e a natureza e a crise socioambiental

A multiplicidade impressionante de biomas e seres vivos no planeta mantém uma íntima interdependência, da qual o ser humano também faz parte, na medida em que seu corpo é constituído de matéria e energia, sustenta-se da alimentação de outros organismos e abriga micro-organismos que tornam possível sua existência. Todos os seres vivos possuem determinadas necessidades orgânicas básicas cuja satisfação depende dos elementos naturais e, embora o homem e a mulher não constituam uma exceção a essa regra, os modos de vida que desenvolveram e as teorias econômicas que elaboraram parecem estar em grande medida alienados desse mundo material do qual são dependentes, como se a economia estivesse acima da natureza.

Enquanto as modificações ambientais geradas por todas as outras espécies são quase sempre assimiláveis por mecanismos autorreguladores dos ecossistemas, a espécie humana é a única que possui um enorme potencial desequilibrador, que ameaça a permanência dos sistemas naturais (Pádua, 2004, p. 28). Deste modo, embora a Terra possua uma biodiversidade inimaginável e uma incrível abundância de elementos naturais, a humanidade passa por graves problemas socioambientais.

Os impactos negativos da ação humana na natureza remetem a épocas muito remotas da história. Na Grécia Antiga encontramos em Aristóteles uma preocupação

política com o desmatamento. Ao considerar as árvores como indispensáveis para o Estado, chamou a atenção para a importância da preservação das florestas, pois a madeira estava se tornando escassa em consequência da grande extração em território seco. Assim, o filósofo recomendou que se empregassem magistrados para cuidar das florestas, de modo que muitas cidades-Estado gregas seguiram seu conselho e criaram leis para proteger as florestas e regular o uso da madeira, encarregando-se de seu cumprimento efetivo (Perlin, 1992). Na Roma Antiga surgiram as primeiras reclamações a respeito da poluição do ar (Braga, 2006), os grandes aquedutos de abastecimento da cidade e o primeiro sistema de esgoto.

Esses dados nos mostram que os problemas socioambientais são mais antigos do que costumamos pensar. Mas hoje a intensidade da exploração dos recursos naturais não possibilita uma adequada reintegração dos subprodutos gerados, de modo que a poluição atingiu níveis alarmantes (Mendonça, 2005, p.68). Algumas das características que tornam a atual interferência humana na natureza muito mais intensa são a sua capacidade racional, a densidade populacional concentrada e, principalmente, a extração de recursos não apenas para a sobrevivência, mas também para a satisfação de necessidades socialmente construídas. Tal anseio resiste a se deixar limitar pela disponibilidade real de recursos naturais.

As indústrias dos países desenvolvidos fabricam um padrão de consumo materialmente impossível de ser reproduzido a nível global, pois não existem recursos naturais suficientes para tal (Pádua, 2004). Com a quantidade de energia utilizada em todo o planeta Terra ao final do século XX haveria capacidade de sustentar apenas 1,1 bilhão de norte americanos nas condições em que viviam à época; ainda assim, isto seria impossível, pois seu estilo de vida e padrão de consumo exigem condições inferiores nos países subdesenvolvidos, ou seja, é necessário muitos pobres para sustentar poucos ricos (Kupstas, 1997, pp.105-106). Além disso, os mais pobres são os que mais sofrem com os impactos da degradação ambiental, com o agravante de não encontrarem acesso a condições adequadas de saneamento básico e alimentação (Pádua, 2004, pp.56-57).

Para influenciar as mudanças de hábitos da população, as indústrias de produção de bens se aliam às empresas de prestação de serviços, especialmente os meios de comunicação de massa, que constroem necessidades de consumo através da propaganda e os tornam facilmente substituíveis (Kupstas, 1997, pp.99-101).

A exploração ambiental só se colocou como um problema concreto no século XX, quando alcançou patamares que fizeram a humanidade despertar para os limites

ecológicos do planeta. Lucros exorbitantes não justificam consequências devastadoras para o meio ambiente e a sobrevivência dos seres humanos e de outras espécies, cujos indícios alarmantes foram apontados pelo Papa Francisco (2015): poluição desmedida do ar, da água e da terra, aquecimento global, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida humana, degradação social (particularmente a fome e a pobreza) e desigualdade planetária.

O destaque da questão ambiental nas discussões científicas, políticas e socioeconômicas não tem correspondido a propostas reais de superação da crise socioambiental que afeta todo o planeta e a humanidade. No mesmo mundo onde é possível construir *smartphones* ultraeficientes e satélites capazes de transmitir uma quantidade exponencial de informações praticamente de modo instantâneo para os diversos cantos do globo, ainda existem crianças morrendo a cada dia vítimas da desnutrição e de doenças cuja prevenção e cura já foram há muito tempo descobertas pela ciência nas superpotências mundiais.

A concepção de que a natureza deve ser dominada e conquistada nos remete a épocas bem anteriores ao capitalismo moderno, mas a capacidade de intervenção ampliou tanto que gerou um modo de produção em longo prazo insustentável, uma vez que se baseia na produção industrial ininterrupta e no consumo de massa, privilegiando o lucro financeiro sobre direitos e valores humanos.

A tese de Lynn White Jr.: cristianismo ocidental nas raízes históricas da crise ecológica

Refletindo sobre as origens da crise socioambiental, o eminente historiador da Idade Média Lynn White Jr. publicou em 1967 um artigo na revista *Science* intitulado *As raízes históricas da crise ecológica [The Historical Roots of four Ecologic Crisis]*, no qual apresentou sua hipótese de uma íntima conexão entre esta e o cristianismo ocidental. Para White Jr., a mentalidade de exploração da natureza teria surgido na teologia judaico-cristã da Alta Idade Média marcando uma distinção entre o homem (feito à imagem e semelhança de Deus) e o restante da criação, que não teria alma ou razão e, portanto, seria inferior.

Assim, o autor acredita que o cristianismo ocidental teria conduzido a uma indiferença em relação ao meio ambiente ao oferecer suporte para a crença não apenas de que o ser humano se encontra separado da natureza, mas também que Ihe é superior e que possui um mandato divino para dominá-la e explorá-la para as suas próprias finalidades.

Tal influência teria continuado a exercer sua força no mundo industrial, de modo que a crise socioambiental não poderia ser resolvida apenas através do desenvolvimento da ciência e de novas tecnologias, mas da transformação das ideias fundamentais da humanidade sobre a natureza, abandonando a noção antropocêntrica de superioridade, que nos torna dispostos a usar nosso meio ambiente sem considerar seus limites. Deste modo, o cristianismo seria em grande parte responsável pela crise socioambiental e deveria ser radicalmente modificado a partir do modelo de relação entre o ser humano e a natureza, representado por São Francisco de Assis.

### A crítica de René Jules Dubos

No livro *A ecologia e sua história* [*L'écologie et son histoire*], o historiador Jean-Marc Drouin apresenta a tese de White Jr., que se tornou uma das mais citadas no debate teológico sobre o meio ambiente, assim como a de seu opositor René Jules Dubos. Esse biólogo chamou a atenção para o fato de que o texto bíblico também prevê rituais religiosos praticados pelo judaísmo que demonstram uma profunda preocupação com a natureza, como podemos observar nos anos sabáticos, quando a terra deve ser deixada em repouso: “Durante seis anos semearás a tua terra e recolherás os seus frutos. No sétimo ano, porém, a deixarás descansar e não a cultivarás, para que os pobres do teu povo achem o que comer, comam os animais do campo e o que restar. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival” (Bíblia, 2010, p.135; Ex 23,10-11).

Além disso, Dubos cita o caso da China, país que, embora sempre tenha tido um percentual muito baixo de cristãos e judeus, possui um histórico considerável de degradação ambiental. Desta forma, não se poderia creditar à tradição judaico-cristã a responsabilidade pela origem da crise, embora também não se possa afirmar que sua influência no pensamento ocidental não tenha contribuído para a formação de uma visão antropocêntrica do universo, que relega à natureza a função de satisfazer as necessidades dos homens.

### Tradição bíblica e espiritualidade ecológica

Os versículos bíblicos aos quais White Jr. se refere para sustentar sua tese se encontram no primeiro capítulo do livro de Gênesis, onde se afirma que Deus cria o ser humano à sua imagem e semelhança e lhe abençoa, dizendo para que ele se multiplique,

encha a terra e a submeta, dominando sobre os animais e as plantas (Bíblia, 2010, pp.34-35; Gn 1,26-30). Preocupado com a crise socioambiental sem precedentes, o Papa Francisco chama a atenção para o fato de que a fé cristã implica numa determinada atitude para com a realizada ecológica: “é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções” (Papa Francisco, 2015, p.52). Assim, ele interpreta o relato bíblico da criação a partir da antropologia teológica, que concebe a desarmonia das relações como produto do pecado original, compreendendo a harmonia de São Francisco de Assis com a natureza como um sinal da graça que cura e restabelece essas relações.

A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu também a natureza do mandato de “dominar” a terra (cf. Gn 1,28) e de a “cultivar e guardar” (cf. Gn 2,15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gn 3,17-19). Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma cura daquela ruptura (Papa Francisco, 2015, pp.54-55).

O Papa chama a atenção para o fato de que o relato bíblico apresenta a criação como um dom gratuito de Deus que desperta a gratidão do ser humano. Uma análise exegética do relato da criação permite contrapor-se à acusação de que a tradição bíblica seria responsável por uma espiritualidade antiecológica.

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1,28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando a imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja (Papa Francisco, 2015, p.55).

Apesar disto, o Papa reconhece que nem sempre a interpretação bíblica desse trecho foi tão clara, destacando que a exegese atual permite enfatizar a convocação à proteção e cuidado da criação.

Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu com texto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2,15) (Papa Francisco, 2015, p.55).

O chamado a cultivar e guardar parece favorecer uma tensão criativa entre trabalhar a terra para o seu próprio sustento e preservá-la para os descendentes.

Enquanto “cultivar” quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras (Papa Francisco, 2015, p.56).

Na ótica da espiritualidade ecológica, a terra pertence a Deus, em última análise, cabendo-nos administrar algo que nos transcende.

Em última análise, “do Senhor é a terra” (Sl 24/23,1), a Ele pertence “a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10,14). Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: “As terras não se venderão a título definitivo, porque a terra é minha, e vós sois estrangeiros e meus agregados” (Lv 25,23) (Papa Francisco, 2015, p.56).

Recorrer ao texto bíblico para justificar a mentalidade de exploração desmedida dos elementos naturais se torna insustentável, pois “a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas” (Papa Francisco, 2015, p.57). O catolicismo não desvaloriza o valor intrínseco das criaturas: “Hoje, a Igreja não diz, de forma simplista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade” (*idem*).

Cristianismo e ecologia: o cuidado da casa comum

O cristianismo convoca a uma atitude responsável para com o planeta, que é a nossa casa comum. A cultura ecológica implica em “um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático” (Papa Francisco, 2015, p.92). Na sequência, Francisco volta a insistir na inadequação de uma leitura que procure sustentar a concepção de domínio e exploração.

Uma apresentação inadequada da antropologia cristã acabou por promover uma concepção errada da relação do ser humano com o mundo. Muitas vezes foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos. Mas a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável (Papa Francisco, 2015, p.96).

Transformar as relações do ser humano com a natureza implica necessariamente numa transformação da compreensão que ele próprio tem de si mesmo: “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia” (Papa Francisco, 2015, p.97). Ao se referir a uma ecologia integral, o Papa chama a atenção para a integração entre as dimensões ambiental, econômica e social.

Quando falamos de ‘meio ambiente’, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. [...] Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental (Papa Francisco, 2015, p.114).

O Papa admite que os cristãos nem sempre conseguem efetivamente colocar em prática aquilo em que creem. Contudo, se as concepções de determinadas épocas dificultaram o reconhecimento da dimensão ecológica da tradição religiosa, isto não significa abandonar os relatos das experiências fundadoras, mas justamente ao contrário, retornar a eles como a um tesouro valioso.

Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que



então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar. Muitas vezes os limites culturais de distintas épocas condicionaram esta consciência do próprio patrimônio ético e espiritual, mas é precisamente o regresso às respectivas fontes que permite às religiões responder melhor às necessidades atuais (Papa Francisco, 2015, p.160).

Portanto, o Papa propõe “linhas de espiritualidade ecológica” (Papa Francisco, 2015, p.172) que efetivamente “nascem das convicções da nossa fé” (*idem*), animadas não tanto por ideias, mas, sobretudo, das motivações “para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo” (*idem*), enraizadas na experiência mística: “Com efeito, não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima”<sup>2</sup> (*ibid*, pp.172-173). É preciso admitir humilde e honestamente que nem sempre os cristãos conseguem se apropriar da herança espiritual que receberam, muitas vezes procurando se eximir das responsabilidades socioambientais que derivam de sua fé, sendo este um desafio a ser enfrentado no processo de conversão.

Temos de reconhecer que nós, cristãos, nem sempre recolhemos e fizemos frutificar as riquezas dadas por Deus à Igreja, nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia [...] a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa (Papa Francisco, 2015, pp.173-174).

O encontro com Jesus convoca a perpassar os mais diferentes âmbitos da vida humana, transformando também a relação com a natureza.

Porventura uma pessoa, ouvindo no Evangelho Jesus dizer – a propósito dos pássaros – que “nenhum deles passa despercebido diante de Deus” (Lc 12,6),

---

<sup>2</sup> Karl Rahner, considerado um dos maiores teólogos contemporâneos, a dimensão mística ocupa um lugar tão fundamental na experiência religiosa cristã que ele escreveu: “O cristão do futuro ou será um místico ou não será um cristão” (RAHNER *apud* OLIVEIRA & TABORDA, 2005, p. 81).

será capaz de maltratá-los ou causar-lhes dano? Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu, de maneira tão elucidativa, São Francisco de Assis (Papa Francisco, 2015, p.176).

### Considerações finais

A espiritualidade cristã encoraja um caminho sóbrio de contemplação, simplicidade e alegria profunda na vivência do presente, afastando-se de obsessões consumistas e apegos desnecessários. Deste modo, incentiva desfrutar o encontro fraterno, o serviço aos irmãos, a frutificação dos carismas, a arte, o contato com a natureza e a oração (Papa Francisco, 2015, pp.177-178). É interessante verificar o quanto tais propostas se aproximam daquelas indicadas pela ecologia, que chama a atenção para a alegria de viver e as atividades culturais que não precisam de limites ecológicos, uma vez que são riquezas imateriais (Pádua, 2004, p.50). Trata-se de um ponto importante de diálogo entre crentes e não crentes na busca de caminhos de superação da atual crise socioambiental. Neste sentido, é curioso que tanto White Jr. quanto o Papa Francisco, que adotam pontos de vista tão diferentes quanto à relação entre cristianismo e ecologia, tenham valorizado a figura do pobre de Assis.

### Bibliografia

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Português. São Paulo: Paulus, 2010.

BRAGA, Benedito *et al.* *Introdução à engenharia ambiental: o desafio do desenvolvimento sustentável*. 2.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CARVALHO, Marcos de. *O que é natureza?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

DIEGUES, Antonio. *O mito moderno da natureza intocada*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

DROUIN, Jean Marc. *L'écologie et son histoire*. Paris: Flammarion, 1993.

EISLER, Riane. *O cálice e a espada*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

GORE, Albert. *Uma verdade inconveniente: o que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*. São Paulo: Manole, 2006.

KUPSTAS, Marcia. (Org). *Ecologia em debate*. São Paulo: Moderna, 1997.

MENDONÇA, Rita. *Conservar e criar: natureza, cultura e complexidade*. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

MOSCOVICI, Serge. *Hommes domestiques et hommes sauvages*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1974.

PÁDUA, José Augusto; LAGO, Antônio. *O que é ecologia?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

PERLIN, John. *História das florestas: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Laudato Si': um presente para o planeta*. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2016.

\_\_\_\_\_. *Os jesuítas e a espiritualidade ecológica*. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2013.

TABORDA, Francisco & OLIVEIRA, Pedro. *Karl Rahner, 100 anos: teologia, filosofia e experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005.

WHITE JR., Lynn. The Historical Roots of our Ecologic Crisis. *Science*, 155, 1967, pp.1203-1207.